

Universidades Lusíada

Rodeia, João Manuel Ribeiro Belo, 1961-

Auf erden : sous les pavés, la plage

<http://hdl.handle.net/11067/4817>

Metadados

Data de Publicação	1998
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-02T03:27:08Z com
informação proveniente do Repositório



Thermal Bath Vals (Esquisso), Peter Zumthor, 1996

AUF ERDEN: SOUS LES PAVÉS, LA PLAGE.

JOÃO BELO RODEIA

As questões relacionadas com o Desenho, no âmbito disciplinar da Arquitectura, são hoje, sem margem para dúvidas, fundamentais e pertinentes. Num e noutro caso, convidam à reflexão sobre a sua natureza e o respectivo papel face a outros instrumentos entretanto disponíveis e correntes aos arquitectos, nomeadamente aqueles relacionados com as simulações virtuais.

Por um lado, na medida em que “a Arquitectura tem lugar no mundo concreto” e “na sociedade tal como é e como se move”, qualquer seu registo reflecte necessariamente esta realidade. Por outro, como já alguém afirmou, “a mão é mais rápida que o computador” e a sua intenção mais relevante. Neste contexto, enquanto primeiro registo, o Esquisso é disto testemunho incontornável, quer como revelação incisiva, veloz e íntima da coisa arquitectónica, quer como inscrição da sua presença no meio respectivo. Daí que surjisse o natural interesse por esta questão particular do Desenho, porventura induzido pelo próprio título *Esquissos*.

Desde logo, pensar nos Esquissos de Arquitectura implica circunscrevê-los ao processo específico disciplinar, reconhecendo-os como parte instrumental da resposta a um problema colocado, que é o Projecto de Arquitectura. Resposta essa considerada como caminho para o acto final, ou melhor, como acção que o designa.

Porém, o objectivo do presente texto não é tanto o de reflectir acerca da natureza particular do Esquisso, mas antes enquadrá-lo a partir da redefinição disciplinar e da aproximação ao respectivo processo.

1. Ao longo do tempo, o *Abrigo* sedimentou-se como origem mítica da Arquitectura, que a Ilustação enunciou e o Movimento Moderno transformou em sistema ou metodologia. Num e noutro caso, a disciplina viu-se constringida à natureza criadora de objectos ou de coisas em si, justificada por uma razão estética mais ou menos absoluta, pela qual, à priori ou à posteriori, se submetia a um problema de forma.

Assim, a origem da Arquitectura configurou-se na cabana do bom-selvagem de inspiração rousseana, para depois reconfigurar-se em “forma segue função”, ou num “jogo sábio, correcto e magnifico dos volumes sob a luz”. Mais tarde, porque problema de forma, houve mesmo quem a enquadrasse nas questões da linguagem, enquanto coisa considerada falante e, nesse sentido, com qualidades próprias do homem.

2. Porém, se não existem dúvidas quanto ao *Abrigo* ser assunto fundamental da Arquitectura, reduzi-la a essa suposta origem é, por mais absurdo que pareça, negarmos a consciência como diferença em relação a todos os outros seres vivos. Se é verdade que muitos destes buscam abrigo por motivos vários, nomeadamente o de enfrentarem as adversidades, nem por isso fazem Arquitectura.

Por outro lado, se a coisa arquitectónica é e será sempre aferida esteticamente, limitá-la a essa dimensão é reduzirmos a consciência como continuidade da Natureza e do Mundo. Na verdade, a aferição estética não deve ser considerada razão de coisa alguma da Arquitectura, mas antes parte consequente de um caminho disciplinar. A legitimidade da Arquitectura depende deste processo e dos seus resultados, e não da sua suposta natureza ou essência estéticas.

3. A Arquitectura decorre da acção ou, mais correctamente, da interacção humana com o mundo.

Como confirmam as mais recentes descobertas científicas, esta interacção surge directamente relacionada com a inibição do sistema límbico humano - uma área profunda do cérebro relacionada com a origem dos comportamentos violentos - que, ao

ser condicionado, proporciona um sistema biológico adaptado. Esta inibição está envolvida directamente no condicionamento do medo, considerado como a chave do desenvolvimento da consciência: *Eu Sou* porque consegui condicionar o medo e, a partir desse momento, conquistei a liberdade, ou seja, reuni as condições biológicas para questionar-me e ao mundo. Porém, desde o momento em que o homem se nomeia (eu sou), fá-lo também porque nomeia outrém (tu és). Ora, a Arquitectura nasceu algures no momento simultâneo em que o homem se adaptou ao mundo, nomeando-se, e em que o homem, ao nomear-se, se reconheceu num território. Logo, estabeleceu limites e habitou.

4. Entenda-se por *Adaptação ao Mundo*, a capacidade mental de adequar-se e apropriar-se a si mesma e a tudo quanto existe, cuja evolução enquadró conjuntos de condições, qualidades e/ou intensidades que definiram latências parcelares de conhecimento (o mundo habita-me). Simplificando, trata-se de algo próximo a um dicionário mental, que permite encontrar significado mínimo para cada item, aquém do qual este não é mais possível.

Entenda-se por *Território*, em primeira instância, tudo aquilo que a vista alcança, ou melhor, o suporte físico que os sentidos reconhecem no Eu (eu sei o que é). Para que isso aconteça, estabelecem-se *Limites*, não entidos como aquilo nos quais algo termina, mas aquilo a partir dos quais algo começa (eu sei como é). Em consequência, o espaço arquitectónico é aquilo que se fez espaço a partir do homem, aquele espaço que, vencido o medo, se permitiu acontecer desde os respectivos limites do território (eu habito no mundo).

Neste sentido, o espaço arquitectónico recebe razão concreta desde um suporte físico que se pretende habitar (o território) e desde a possibilidade em causa para habitar (o programa), apropriados numa especificidade matérica. Porém, porque adaptado ao mundo, o homem pre-questiona qualquer propósito espacial a partir duma razão a que alguns chamam de *conceptual* e outros um *conteúdo de conhecimento*.

Por exemplo, enunciando o propósito de fazer uma *Casa*, não é difícil imaginar a possibilidade de questioná-la sem território,

programa ou material, pois a casa acontece como item mental, como significado dependente da latência parcelar de um conhecimento, como algo ainda fora duma razão espacial concreta.

5. De qualquer modo, a consciência do habitar - “habitar desde um construir e construir desde um habitar” - fundamenta a origem da Arquitectura, e esta só existe em função da primeira.

A ser assim, porque consciência do habitar, a Arquitectura interpreta uma forma de vida válida para o nosso tempo, um *Êthos* comum. Por *Êthos*, tal como ensinavam os gregos, deve entender-se o carácter duma pessoa, a sua natureza ou disposição. Mas porque a pessoa (só) existe no mundo, poder-se-á entender um outro comunitário, referente do espírito que enquadra as suas actividades. Ou seja, *Êthos* nomeia o modo como os seres humanos existem no mundo: o seu modo de habitar.

Neste sentido, a natureza da Arquitectura é de ordem profundamente ética, ou seja, a sua tarefa é ajudar a articular um modo de habitar comum, em que o Eu e o Nós são entidade única. Em última instância, aqui reside a legitimidade disciplinar da Arquitectura.

Assim sendo, em sentido estrito, depreender-se-á que falar de Arquitectura construída e não construída é um despropósito disciplinar. A Arquitectura e os seus actos são indissociáveis da respectiva existência no mundo real, onde têm presença e expressão próprias do sentido pleno de habitar. Porém, quaisquer deles resultam de uma acção operativa e determinada, de um caminho concreto imerso em progressivas simulações, muitas vezes inscrições de facto em suporte material próprio, que visam a plena inteligibilidade de um conteúdo: o Projecto de Arquitectura.

6. Ora, o Esquisso de Arquitectura refere-se a parte deste caminho. Na língua portuguesa, esquisso significa “primeiros traços”, “síntese geral” ou “rascunho”. Ou seja, trata-se duma inscrição preliminar que conduz um conteúdo a uma sugestão global, enquanto trabalho fundacional que permite evolução até definição posterior, cujo rigor é aquele referente à sua própria nature-

za. Em consequência, estamos perante um registo parcelar e parcial. Parcelar, porque primeiro passo da prévia interpretação do item aplicado a um território e programa específicos, no qual pode ou não haver indicação matérica. Parcial, porque primeira simulação da presença da coisa arquitectónica no seu meio, de modo tão preciso quanto possível. Porém, trata-se de um passo importante e sensível, na medida em que é o primeiro esforço enquanto simulação e, em simultâneo, manifesto de ausência do que se pretende simular. Neste sentido, quanto mais conscientes desta evidência, mais possibilidades haverá em despertar a curiosidade sobre a realidade prometida pelo Esquisso, bem como em estimular o desejo de a concretizar. Razão e emoção coincidem e complementam-se.

7. No entanto, muitas vezes o artifício - entendido como imitação do real ou negação do natural - assume uma importância excessiva que ultrapassa a simulação em causa. Neste caso, quando se esvazia o propósito de abrir caminho e deixar correr o processo de inscrever o que poderia ser real - mas ainda não é -, ou limita-se a respectiva inquietude perante esse mesmo propósito, então o Esquisso reduz-se a objecto de desejo lateral ao fundamental, desistindo do Projecto de Arquitectura como primeiro objectivo. Ou seja, o Esquisso abdica do que poderia ser possível a partir dele, e significa pouco mais do que ele próprio.

Como se depreenderá, tais registos - Esquissos de Arquitectura entendidos como obras de arte - não têm qualquer significado no processo que aqui se apresenta, nem desempenham relevância na legitimação desejada para o Projecto de Arquitectura e para a Arquitectura.

8. O Esquisso é uma presença no papel, ou noutra qualquer suporte. Mais do que presença, trata-se duma experiência individual e colectiva, pois está vinculada àquele que a cria, e este aos outros que com ele se justificam numa ética comum. Assim, essa presença cumprirá tanto os seus objectivos quanto mais for capaz de evidenciar o conteúdo que celebra e a que aspira,

subvalorizando o que não pode ainda ser inscrito, o que permanece na sombra, o que existe em sugestão latente.

Por isso, o Esquisso é um momento inigualável no Desenho de Arquitectura, na medida em que implica a inscrição daquilo que se sugere e a sugestão a partir daquilo que inscreve. Nunca antes nem depois foi tão clara esta enriquecedora duplicidade: do autor para o gesto e deste para o primeiro, dando e recebendo em simultâneo, entre a magia do tempo criativo e o tempo criativo da magia.

Assim, compreender-se-á que o potencial do Esquisso será tanto maior quanto mais conseguir concentrar em si mesmo o fundamento do processo concreto que inicia, como chave de um labirinto, como luz na obscuridade, como intensidade táctil de algo ainda suspenso. O desempenho é incisivo: o bisturi abrindo e separando, a noção exacta da cirurgia. A velocidade é insuperável: a intenção plena no limite, o acto de corte que sintetiza e evidencia. A intimidade é total: a identidade iminente, não ter e não ser quase nada para simplesmente permitir esse instante preciso.

9. Dentro do Desenho de Arquitectura, a natureza do Esquisso é aquela que mais se aproxima do conceito ou do conteúdo do que está em causa, aquilo que alguns denominam - denotando óbvia falta de rigor - como inscrição conceptual. Apesar de tudo, esta expressão acolhe a importância relativa do registo no respectivo processo, como algo já concreto mas ainda próximo da plena intensidade daquilo que o não é, da origem do processo.

Considerando que existe sempre um sentido de perda entre o conteúdo e o desígnio concreto, na medida em que este é consequência e demonstração do primeiro, o Esquisso pressupõe maior integridade enquanto primeira simulação. Neste sentido, porque concentração e densidade, serve de prova insuperável dos sucessos ou dos erros do caminho, quer como aproximação à inteligibilidade do conteúdo, quer como referência obrigatória da acção que designa a resposta.

10. Porém, porque revelação incisiva, veloz e íntima, e porque presença densa e concentrada, qualquer juízo de valor sobre o Esquisso implica um enorme esforço disciplinar, pois o sentido do registo encontra-se muitas vezes submerso “entre linhas e não é perceptível” sem explicações subseqüentes ou conseqüentes. Quase sempre, trata-se dum oceano profundo que exige a experiência do mergulho, condição indispensável para o encontro com o fundo raso, primeiro e elementar.

Compreender-se-á que, sobretudo para todos quantos não projectam ou não estão de algum modo iniciados nestas questões disciplinares, o Esquisso surja como algo hermético. Neste sentido, a sua importância instrumental está directamente ligada à experiência do respectivo autor e de quem reúne condições para aferir essa mesma ligação.

Compreender-se-á, também, a transcendência deste processo específico no quadro do Ensino da Arquitectura. Neste sentido e de algum modo, o Esquisso emerge como trabalho de direcção tão legítimo e necessário quanto a experiência emergente da primeira inscrição do homem no território, sem contornos bem definidos e ainda sem desígnio definitivo, mas desde logo consciente do habitar.

Desfeito o mito arquitectónico da coisa em si, e com ele o da demiurgia e do demiurgo da forma, há que evidenciar o entusiasmo por um conhecimento liberto dessa tutela, quer no saber partilhado, quer exaltando o encontro permanente, quer ainda no prazer da revelação e no incessante deslumbramento da procura, enfim, do abrir caminho em Arquitectura.

Por isso, o apelo ao Mundo, o gosto pela terra e pelo (nosso) tempo, o optimismo permanente na acção, a necessidade de descobrir para além do preconceito imediato: sob os escombros, em todo o lado, apenas a praia.

Abril 1998

Citei livremente Peter Zumthor, Josep Muntanya, Zaha Hadid, Louis Sullivan, Le Corbusier, Adrian Raine, Martin Heidegger, Marguerite Yourcenar, Rem Koolhaas e Eduardo Prado Coelho.